

Estudantes de Letras não desistem

# Trazer para Lisboa movimentos alheios

**Os estudantes de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra vão manifestar-se na sexta-feira, junto ao Ministério da Educação, como forma de protesto pela falta de soluções em relação à reestruturação do curso de Letras.**

Os estudantes de Letras da Universidade de Lisboa iniciaram ontem uma greve de dois dias, à qual os alunos de Coimbra e do Porto não aderiram por «não existirem condições». Esta falta de condições prende-se com o facto de em ambas as Faculdades se estar em período de avaliação e à ausência às aulas poderia prejudicar os próprios alunos.

Costado, a comissão coordenadora nacional dos estudantes de Letras, que se reuniu em Coimbra, no domingo, solidarizou-se com a greve promovida pelos estudantes de Lisboa, convocada à revelia da actual Associação de Estudantes. Esta estrutura viu inclusivamente a sua representação recusada no encontro de Coimbra, com o argumento de «ter tomado sempre posições contrárias às dos estudantes».

A reestruturação dos cursos de Letras e a falta de horizontes profissionais para os alunos são as motas impulsionadoras de

uma contestação ao ministro João de Deus Pinheiro que já dura há algumas semanas e cujas consequências são neste momento imprevisíveis. O titular da pasta da Educação disse, por seu turno, que não se escusa ao diálogo, só que «na sede própria, ou seja na Universidade».

O que opõe os alunos de Letras ao Ministério é a institucionalização do «numerus clausus» nos dois últimos anos do curso de formação de professores e a criação de novas especializações que lhes permitam novas saídas profissionais. Segundo um aluno do curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa, «não existem saídas profissionais para os alunos de História», daí que tenha sido proposta uma reestruturação do curso que o Ministério aceitou.

Só que, após uma primeira apreciação, o documento apresentado pelas três Faculdades foi complementado, já que abrangia apenas os alunos do 1.º ano de 1987/88, deixando de fora os actuais. O ministro João de Deus Pinheiro, segundo uma fonte do seu Ministério, propôs, então, um «plano de estudos provisório» destinado aos actuais alunos, prevendo mais dois anos após o 4.º, um deles, o primeiro, essencialmente pedagógico, e o segundo, um estágio prático e remunerado.

É aqui que parece residir o principal problema. O Ministé-

rio propõe a existência de «numerus clausus» para estes dois últimos anos e os alunos exigem que esta opção seja extensível a todos eles.

**POSIÇÕES EXTREMADAS**

A decisão de recorrer à greve foi tomada em consequência da recusa de João de Deus Pinheiro em reunir com a comissão representativa dos alunos de Le-

tras e, novamente segundo aquele informador do MEC, o ministro não reuniu com os alunos porque «cabe aos conselhos científicos e pedagógicos encontrar soluções e depois apresentá-las ao ministro, que as avaliará». E lembrou que o facto de João de Deus Pinheiro ter anteriormente reunido com os estudantes é por si só demonstrativo de que existe vontade de resolver o problema.

Aquela fonte do MEC disse

que o ministro está empenhado «na defesa dos interesses dos estudantes» e justificou a obrigatoriedade de existência de «numerus clausus» por não se poderem criar «mais vagas do que aquelas que são realmente possíveis».

Entretanto, os estudantes pretendem que o ministro dê garantias por escrito de que reconhece competência aos conselhos científicos para resolverem a questão da reestruturação cur-

ricular das Faculdades de Letras.

«Ao não nos receber, o ministro não ratifica o acordo a que chegámos com os presidentes dos conselhos científicos e pedagógicos, na reunião do Porto, nos dias 7 e 8», disse Leonel Nunes, aluno da Faculdade de Direito.

Nessa reunião, os presidentes dos conselhos científicos e pedagógicos tinham acordado não se oporem à eliminação do «numerus clausus» nos anos de formação pedagógica do curso de formação de docentes, o que contraria a ideia dos estudantes.

Entretanto, em Espanha, os estudantes do ensino secundário regressaram ontem às aulas, depois de um mês de greve e de uma semana de manifestações e incidentes violentos.

O sindicato dos estudantes, uma das organizações promotoras da contestação estudantil, decidiu terminar a greve mas «continuar a luta» caso as propostas ministeriais não sejam satisfatórias.

O ministro da Educação, José Maria Maravall, prometeu apresentar hoje um plano de medidas que atendam as reivindicações dos estudantes e declarou aos jornalistas que pretende fazer uma oferta ampla para que os estudantes não se sintam frustrados depois de várias semanas de luta.

UNIVERSIDADE Estudantes desfilam em Lisboa

# Letras convocam «grande marcha»

■ A coordenadora nacional dos estudantes de Letras convocou um desfile para sexta-feira em Lisboa, em protesto contra a política do ministro João de Deus Pinheiro. Em Lisboa, os alunos da Faculdade de Letras voltaram a fazer greve.

• (Pág. 7)

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Conflito. estudantes

